

Domingo VI do Tempo Comum – ano A

– 15 de fevereiro de 2026 –

1 – Quando gostamos genuinamente de alguém, procuramos que as nossas palavras e os nossos gestos digam o que sentimos e expressem alegria, gratidão, felicidade. A pessoa é mais, muito mais, do que aquilo que diz, mas também isto faz parte da pessoa. Vamos querer escutar com atenção, com disponibilidade, bebendo das suas palavras. «*O que tu és fala tão alto que mal consigo ouvir o que tu dizes*» (Ralph Waldo Emerson). A pessoa não é o que veste, o que come, o que fala, o que faz. É tudo isso. É um ser mais complexo. Daí que nos seja sempre difícil e falível julgar as pessoas apenas por um aspeto, uma impressão imediata.

O cristianismo não é uma cartilha de preceitos e regras, de condenações e proibições. É, antes e sobretudo, a história de um encontro, de uma descoberta, o nosso encontro com Jesus, Crucificado e Ressuscitado. Um encontro pessoal que desemboca na comunidade. Se vários nos encontramos com Jesus, mais cedo ou mais tarde vamos querer falar d'Ele, partilhar com outros a nossa experiência, vamos querer enriquecer-nos com a experiência de outros. Por outro lado, Jesus desafia-nos à comunhão, a congregarmo-nos como irmãos. Não chama um discípulo, mas vários, para formarem grupo e, quando os envia, envia-os dois a dois ou em grupo.

É inseridos em comunidade, como povo da Aliança, que acolhemos os Mandamentos e acolhemo-los não como uma exigência escravizante, mas como critério e orientação que nos liberta para fazermos o bem e nos relacionarmos cada vez melhor com os demais.

Regras e sinais de trânsito. Alguém vai pensar que estes são para nos proibir e limitar os nossos movimentos? É possível, se acharmos que estamos sozinhos no mundo. O código da estrada tem o ensejo de proteger as pessoas (e também os bens). Protegem-nos e protegem os outros. Resultam do bom senso, da experiência, da reflexão, do estudo, da preocupação de criar as condições mais favoráveis e seguras para todos, na estrada, nos passeios, no meio de povoações, junto a escolas ou a ruas movimentadas.

2 – Jesus começa por alertar os seus discípulos que a novidade do Evangelho não enquadra a destruição do património religioso anterior, as leis e os preceitos (positivos) propostos na Lei de Moisés e nas mensagens dos Profetas. Pelo contrário, Jesus não só não destrói como quer completar, levar à plenitude. Esta tem como conteúdo o amor: o amor que se predispõe a dar a vida. «*Aquele que praticar e ensinar [os Mandamentos] será grande no reino dos Céus!*». A mensagem de Jesus é inclusiva: assume o passado e as lições que podem ajudar no presente e no futuro.

Mas não apenas isso. Jesus vai mais longe: «*Se a vossa justiça não superar a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino dos Céus*». Revisitando a vida de Jesus verificaremos como este ir mais longe é humanizador, no convite à conversão, à partilha, à reconciliação entre pessoas, ao perdão em todas as circunstâncias, a uma tolerância reconhecadora dos laços de parentesco espiritual.

O Mestre dos Mestres não entra em lógica de facilitismos, mas dá vida, carne, músculo, sentido, humanidade a toda a Lei. Esta há de estar ao serviço da dignidade do ser humano e do bem comum.

Daí a contraposição: «*ouvistes que foi dito aos antigos: 'Não matarás; quem matar será submetido a julgamento'. Eu, porém, digo-vos: Todo aquele que se irar contra o seu irmão será submetido a julgamento. Quem chamar imbecil a seu irmão será submetido ao Sinédrio, e quem lhe chamar louco será submetido à geena de fogo. Reconcilia-te com o teu adversário, enquanto vais com ele a caminho... Digo-vos que não jureis em caso algum: nem pelo Céu, que é o trono de Deus; nem pela terra, que é o escabelo dos seus pés; nem por Jerusalém, que é a cidade do grande Rei. Também não jures pela tua cabeça, porque não podes fazer branco ou preto um só cabelo*».

O ensinamento de Jesus conduz à coerência de vida: devemos pôr em prática na nossa vida o que professamos e o que exigimos aos outros. É também nesta lógica que Jesus exige aos seus discípulos uma linguagem simples, direta, transparente, respeitadora do outro: «A vossa linguagem deve ser: *‘Sim, sim; não, não’*. O que passa disto vem do Maligno».

3 – Ben Sirá, que integra o conjunto de livros sapienciais, como um pai a um filho, como mestre aos discípulos, deixa-nos recomendações, conselhos, orientações. Como se pode ver, na primeira leitura, é uma proposta de vida, sem ameaças nem chantagens: *“Se quiseres, guardarás os mandamentos: ser fiel depende da tua vontade. Deus pôs diante de ti o fogo e a água: estenderás a mão para o que desejares. Diante do homem estão a vida e a morte: o que ele escolher, isso lhe será dado. Porque é grande a sabedoria do Senhor, Ele é forte e poderoso e vê todas as coisas. Seus olhos estão sobre aqueles que O temem, Ele conhece todas as coisas do homem. Não mandou a ninguém fazer o mal, nem deu licença a ninguém de cometer o pecado”*.

O cumprimento dos mandamentos baliza um caminho que nos garante bondade e sabedoria, felicidade e vida. As leis não são grilhões que nos aprisionem, mas indicações que nos permitem seguir mais seguros. Estão inscritas no coração. Era como se considerássemos que tudo o que vem dos nossos pais é para nos proibirem de sermos felizes. Evidentemente que a Lei terá que ser assumida, com as marcas, a carne, o sangue e a vivência de cada um. Antes, a graça santificante que atua em nós e nos transforma, tornando-nos novas criaturas para Deus. É necessário que a nossa alma se deixe plasmar pela ação do Espírito Santo.

Podemos rezar com o salmista: *“Felizes os que seguem o caminho perfeito e andam na lei do Senhor. Felizes os que observam as suas ordens e O procuram de todo o coração”*, na certeza que as Suas leis, a Sua vontade, nos orientam para o bem, para a felicidade. Qual o desejo dos pais para os filhos se não que eles se deem bem e se sintam amados, respeitados, desenvolvendo as respetivas capacidades, ajudando-se mutuamente?

4 – Na mesma linha dos sábios de Israel e dos profetas, o apóstolo Paulo anuncia a Boa Notícia da salvação que nos chega de Deus, através de Jesus Cristo: *«Falamos da sabedoria de Deus, misteriosa e oculta, que já antes dos séculos Deus tinha destinado para a nossa glória. Nenhum dos príncipes deste mundo a conheceu; porque se a tivessem conhecido, não teriam crucificado o Senhor da glória. Mas, como está escrito, «nem os olhos viram, nem os ouvidos escutaram, nem jamais passou pelo pensamento do homem o que Deus preparou para aqueles que O amam»*. Mas a nós Deus o revelou por meio do Espírito Santo, porque o Espírito Santo penetra todas as coisas, até o que há de mais profundo em Deus».

Com a morte e ressurreição do Jesus, e com a força do Espírito Santo que Ele nos envia de junto do Pai, chegamos à plenitude da revelação. O que a Lei intuía, preparando-nos para vivermos fraternalmente de mãos dadas, é assumido com o mistério de Cristo, Deus connosco, a partir de dentro, do nosso coração. Jesus traz-nos Deus. Vive entre nós. Eleva-nos para a eternidade. A LEI tem a carne do AMOR, tem o ROSTO de Jesus, conta com o nosso empenho a favor dos outros.

Confiemos em Deus que é Pai e confiemo-nos a Ele: *“Senhor nosso Deus, que prometestes estar presente nos corações retos e sinceros, ajudai-nos, com a vossa graça, a viver de tal modo que mereçamos ser vossa morada”*.

O que pedimos com fé, realizar-se-á a seu tempo, desde que busquemos concretizar o que os nossos lábios proferem.

Pe. Manuel Gonçalves

Textos para a Eucaristia (ano A): Sir 15, 16-21; Sl 118 (119); 1 Cor 2, 6-10; Mt 5, 17-37.